



## AS MULHERES SÃO TODAS IGUAIS? REPRESENTAÇÕES E INTERSECCIONALIDADES NOS CONTOS *MARIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO, E *AMOR*, DE CLARICE LISPECTOR

**Bruna Agliardi Verastegui** – [bruna\\_verastegui@outlook.com](mailto:bruna_verastegui@outlook.com)

Universidade Luterana do Brasil, ULBRA, Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-8605-6774>

**RESUMO:** Este artigo tem o objetivo de analisar as representações de gênero, raça e classe contidas nos contos *Maria*, de Conceição Evaristo (1991), e *Amor*, de Clarice Lispector (1960), de forma interseccional. As duas narrativas foram escritas na contemporaneidade, mas trazem representações distintas, uma vez que as personagens Maria e Ana, respectivamente, estão posicionadas enquanto sujeitas em locais diferentes e, portanto, perpassadas por fatores diversos. No âmbito metodológico, realiza-se uma análise cultural, enquanto no âmbito teórico faz-se uso de autoras como bell hooks (2019); Grada Kilomba (2019); Lélia González (1982); entre outras. De modo preliminar, é possível perceber que, embora as duas personagens sejam mulheres, elas não são representadas do mesmo modo, já que enquanto Ana é uma dona de casa de classe média que pode cuidar de seus filhos em período integral, Maria é uma empregada doméstica que trabalha excessivamente para sustentar os seus, o que faz com que preocupações diferentes atravessem cada uma.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos Culturais; Interseccionalidade; Literatura Brasileira.

### 1 INTRODUÇÃO

É necessário compreender que nem todas as pessoas estão posicionadas socialmente da mesma maneira, pois enfrentam situações diferentes dependendo de seu gênero, de sua raça, de sua classe, de sua sexualidade, etc. Ademais, é importante ressaltar que as opressões não podem ser organizadas de forma hierárquica, pois são intrínsecas ao lugar de fala de cada sujeito, que é construído a partir de suas experiências. Por exemplo, uma mulher branca de classe média não sofrerá as mesmas opressões que uma mulher negra de classe baixa, pois embora ambas sejam mulheres, estão posicionadas em pontos sociais diferentes por conta da raça e de seu poder aquisitivo. Desse modo, nem todas as mulheres passam pelas mesmas situações e, portanto, não reivindicam as mesmas demandas.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar as representações de gênero, raça e classe contidas nos contos *Maria*, de Conceição Evaristo, e *Amor*, de Clarice Lispector, de maneira interseccional. Segundo Anecleto e Vieira (2020), a interseccionalidade é uma ferramenta teórico-metodológica que auxilia no entendimento de diversas opressões que perpassam os sujeitos a partir de fatores como gênero, classe, raça, entre outros. Já o conceito de representação serve como um suporte para analisar os contos aqui referidos, visto que os significados produzidos não são um espelho da realidade, mas sim formas de

construir significações e abordar diferentes pontos de vista sobre o que é ser mulher, ser mãe, ser pobre/rica, por exemplo, através da linguagem. De acordo com Hall (2016) a “realidade” não traz, por si só, o significado das coisas, porque essa significação só é possível através de jogos de linguagem que constroem representações.

Para tanto, no âmbito metodológico, se faz uma análise cultural dos dois contos, utilizando como aporte teórico autoras como bell hooks (2019); Grada Kilomba (2019); Lélia González (1982), entre outras, a fim de explicitar o pensamento feminista negro, suas demandas e suas interseccionalidades. Esta pesquisa divide-se em quatro seções: esta primeira, que traz, de maneira breve, o objetivo do artigo, bem como sua organização teórica e metodológica; a segunda, que busca abordar, de maneira geral, a literatura brasileira e seu elitismo; a terceira, que analisa as representações contidas nos contos, bem como suas interseccionalidades; e a quarta, que tece algumas considerações sobre o estudo realizado.

## 2 LITERATURA BRASILEIRA: ELITISMO E SELETIVIDADE

Antes da análise dos contos, é preciso afirmar que a literatura brasileira, por muito tempo, foi um espaço elitista, heteronormativo, patriarcal e branco. Ainda hoje, a crítica literária brasileira preserva um certo conservadorismo em relação ao que poderia ser, de fato, considerado “literatura de verdade”, já que muitos se prendem a padrões estéticos que supostamente determinariam o que é ou não arte. De acordo com Perrone-Moisés (2016), ainda vigoram, tanto na crítica literária brasileira, quanto no ensino de literatura, valores e conceitos ultrapassados, que percebem a literatura como um amontoado de textos com alto valor estético e nada mais.

Em outras palavras, a maioria das representações literárias que fogem àquelas estereotipadas ou pejorativas produzidas pelos brancos e, principalmente, pelos homens, são vistas como menores, não sendo passíveis de destaque, nem merecedoras de compor o “cânone”. Por muito tempo, perpetuou-se a ideia de que a estética ocidental estabelecida das obras era mais importante do que o discurso e, portanto, a literatura “verdadeira” deveria se encaixar em uma das classificações periódicas já existentes para ser legitimada, como o romantismo, modernismo etc.

É importante ressaltar que a literatura negra brasileira não deve ser lida apenas por seu discurso engajado, mas também pela sua estética, pois não se encaixar nos padrões canônicos não é um atestado de má qualidade. Afinal, é necessário criar novos parâmetros para analisar diferentes pontos de vista. De acordo com Miranda e Assunção (2021, p. 18), a colonialidade do saber construiu estruturas que nos fazem, de modo geral, aceitar e legitimar o discurso hegemônico do colonizador e desprezar e desqualificar os discursos do outro, do diferente, o que explica porque a literatura e demais áreas “tenham marginalizado por tanto tempo negros e mulheres de seus respectivos cânones”. Assim, é preciso que as

estruturas e os discursos hegemônicos sejam questionados, pois foram construídos a partir dos colonizadores que detiveram, por muito tempo, o poder de representar a todos.

Sobre a literatura no Brasil, Miranda e Assunção (2021) afirmam que:

O pensamento literário tem sido constituído pelas ideias de tradição e universalidade, ambas sustentando, historicamente, a constituição dos cânones. No caso das literaturas que pertencem às nações marcadas pela colonialidade, como é o caso da brasileira, tal constituição responde à dinâmicas que apontam para uma política ostensiva de silenciamento (Brasil; Miranda; Assunção, 2021, p. 27).

Em outras palavras, o cânone literário pode ser problematizado justamente por não estar “fora” da sociedade, já que ele não é uma verdade universal; afinal, ele foi construído a partir de um determinado contexto social, cultural e histórico, logo, a ideia do estético desejável não é permanente. Ao encontro disso, os autores reiteram que “todo valor estético é definido em um campo de poder que invariavelmente corresponde à interação entre a série literária e a série social” (Miranda; Assunção, 2021, p. 29). Então, é preciso lembrar que por meio do cânone sempre se privilegiaram homens, brancos e ricos e, portanto, o silenciamento das ditas “minorias” foi arquitetado, já que quem tem o poder de representar a todos, tem o poder de dominar a todos também.

Luiz Ruffato (2009) afirma que, embora a literatura seja consagrada como uma arte que objetiva criticar a hipocrisia, apenas em raras ocasiões esta deu vez e voz aos sujeitos negros, já que os poucos escritores negros e as poucas escritoras negras são, historicamente, invisibilizados e invisibilizadas pela crítica literária. O autor ainda reforça que os poucos autores negros que compõem o cânone literário brasileiro são prova disso, tais como: Machado de Assis, Cruz e Sousa, Lima Barreto e, posteriormente, uma mulher, Maria Firmina dos Reis. Nota-se que, mesmo dentro do grupo de escritores e escritoras negros, os escritores homens conseguiram um maior destaque, já que estão posicionados em um local social privilegiado em função do gênero, daí a importância de se pensar de modo interseccional.

Já Conceição Evaristo (2009), em seu artigo intitulado *Questão de pele para além da pele*, informa que a literatura não é um retrato fiel da sociedade, mas certamente é fruto de um determinado momento social, cultural e histórico. Logo, não é possível dizer que as representações contidas na literatura são descoladas do meio em que foram produzidas. Segundo a autora “o sujeito autoral acaba por colocar no texto sinais reveladores da constituição de uma sociedade em determinado momento histórico” (Evaristo, 2009, p. 19), ou seja, até mesmo o “não dito” pode representar algo.

É relevante afirmar que a literatura brasileira contemporânea é diversa e plural, e precisamos dar visibilidade e reconhecer a importância de muitos autores e autoras negros que ainda hoje sofrem apagamentos por parte da elite do país, muito representada na crítica literária. De acordo com Evaristo (2009):

Há ainda uma forte tendência em invisibilizar o negro [...]. Se levarmos em consideração a quantidade de obras que compõe a literatura brasileira percebemos que o personagem negro aparece bem menos como protagonista em relação ao personagem branco e surge muito mais como coadjuvante ou mesmo como antagonista do personagem central (Evaristo, 20089, p. 20).

Nesse sentido, é preciso construir um olhar crítico a respeito do cânone literário e problematizar relações de poder, bem como os discursos que tentam colocar a literatura produzida por homens negros e mulheres negras como inferior, pois sabemos que essa é uma tática da branquitude que mede qualidade e relevância apenas com sua própria régua, não levando em consideração outras culturas, outras representações e demais discursos que buscam tencionar o *status quo*. Para Evaristo (2009, p. 20), “as classes detentoras e próximas do poder político-econômico [são] elas mesmas, produtoras, mantenedoras, divulgadoras e consumidoras de seus produtos culturais” e, por isso, deslegitimam saberes e culturas produzidos em locais diferentes dos seus.

Ao encontro disso, a pesquisadora Batista (2019) reitera que o cânone literário ignorou e ocultou muitos “brasis”, o que se percebe ao analisar as obras consideradas clássicas em nossa literatura, pois buscam representar o outro a partir de suas percepções, na maioria das vezes estereotipadas e preconceituosas. Atualmente, a literatura brasileira contemporânea possui mais vozes femininas e negras, que trazem, a partir da linguagem, discursos que nem sempre foram aceitos e discutidos.

### 3 MARIA, ANA E SUAS INTERSECÇÕES

Tanto o conto *Maria*, de Conceição Evaristo, quanto o conto *Amor*, de Clarice Lispector, são narrados na terceira pessoa do singular e possuem um narrador onisciente, isto é, um narrador que tem acesso não só ao que vê, mas também às emoções, pensamentos e aos anseios das personagens.

Os dois contos começam de forma semelhante: enquanto Ana, personagem do conto de Clarice, inicia a narrativa entrando no bonde, Maria, personagem de Conceição, espera por seu ônibus há, pelo menos, trinta minutos. Essa diferença entre os meios de transporte pode ser explicada pela época em que ambos foram escritos: *Amor*, de Clarice Lispector, foi publicado no livro *Laços de Família*, de 1960; já o conto *Maria*, de Conceição Evaristo, teve sua primeira aparição nos *Cadernos Negros* em 1991, uma importante coletânea que dá destaque à literatura negra brasileira desde 1978.

Nesse início, já podemos ver duas importantes diferenças entre as duas personagens: enquanto Ana senta-se no banco do bonde “com um suspiro de meia satisfação” (Lispector, 2016, p. 145), Maria preocupa-se com o preço do ônibus, que aumentou consideravelmente, razão pela qual ela teria que começar a ir a pé para economizar; na sequência, conseguimos perceber pelo trecho que Ana é dona de

casa, e assume para si a tarefa de cuidar dos filhos, do marido, de lidar com os cobradores de luz, cozinhar, etc., ao passo que Maria é empregada doméstica, aspecto que se expressa no seguinte recorte:

No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão? (Evaristo, 2016, p. 41).

É possível notar que ambas possuem preocupação com seus filhos, mas enquanto Maria se preocupa com as necessidades básicas de seus meninos, já que busca prover remédios e alimentos, Ana pensa em como suas crianças estavam crescendo rápido e como a mesa com comidas aumentava ao longo desse processo, isto é, a fome não é um dos problemas em sua vida. O próprio narrador do conto de Clarice admite que se Ana “quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte” (Lispector, 2016, p. 145). Ana é representada como uma mulher que não precisa se atentar às necessidades sumárias, pois estas já são supridas muito bem e, por conta disso, encontra-se em posição de privilégio, pois, embora seja uma mulher, é de classe média. Assim, Ana consegue ocupar-se de outras questões e reivindicar outros direitos, para além daqueles ligados à sobrevivência.

No conto *Maria*, a personagem é identificada como negra na narrativa; já no conto *Amor*, não temos nenhum indicativo da raça da personagem Ana, mas ao imaginá-la, de modo geral, caímos em um senso comum de visualizá-la como mulher branca, em especial se considerarmos os questionamentos reverberados por meio de cada uma das personagens: enquanto a narrativa de Maria é marcada pela desigualdade de gênero, de raça e de classe, a narrativa de Ana aborda as desigualdades de gênero de maneira mais sutil, criticando outros fatores, como a vida vazia de uma mulher dona de casa que apenas cuida de seus filhos e de seu marido. Não vemos essa problematização no conto *Maria*, afinal, ela não tinha a opção de ficar em sua própria casa cuidando de suas próprias crianças, já que precisava trabalhar na residência de outras pessoas para sustentá-los.

A questão da raça pode ser pensada através da colocação de Evaristo (2009), que é categórica ao afirmar que, na literatura negra brasileira, muitos personagens são construídos reforçando a cor de sua pele, valorizando traços e heranças culturais, o que vai contra as representações estereotipadas e pejorativas que sempre vigoraram na literatura brasileira de modo geral. Isso pode explicar, talvez, o porquê de o marcador cultural da raça não se inscrever na personagem Ana, uma vez que, no ideário comum, os sujeitos brancos não são racializados, pois eles figuram como se fossem representantes naturais da humanidade.

Os dois contos constroem representações de mulheres – mas quais? Quais diferenças as constituem? Ao longo da história, o feminismo mostrou-se heterogêneo, isto é, apenas um viés, aquele defendido pelas mulheres brancas, não contemplava todas as mulheres, pois as reivindicações sempre foram diversas. Segundo Kilomba (2019), as mulheres brancas relutam bastante para não se perceberem como opressoras, mas por muito tempo pregaram uma universalidade feminina inexistente, pois as mulheres não são todas iguais. Para a autora “as preocupações e reivindicações de mulheres negras tornam-se específicas e ilegítimas, enquanto as experiências de mulheres brancas prevalecem como universais, adequadas e legítimas” (Kilomba, 2019, p. 102).

Na contramão disso, a teoria feminista negra possibilitou que outras histórias e outras vozes viessem à tona: Ângela Davis, mulher negra estadunidense publicou sua obra intitulada *Mulheres, Raça e Classe* em 1981, bem como bell hooks, também mulher e professora negra estadunidense, que publicou seu livro chamado *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo* no mesmo ano. Vale ressaltar que, no Brasil, estes livros só foram publicados recentemente: o de Ângela Davis em 2016 e o de bell hooks em 2019.

Ademais, é importante destacar que não se pretende eleger uma representação melhor ou pior do que a outra, mas sim mostrar que só o conceito de gênero não consegue englobar a complexidade das opressões vivenciadas por todas as mulheres, já que o gênero não é a estrutura, mas parte de uma que envolve também classe e raça, entre outros fatores. Em *Amor*, por meio da personagem Ana, são ficcionalizadas as desigualdades de gênero que afetam as mulheres de classe média, uma vez que estas não tinham independência financeira, isto é, dependiam de seus maridos, enquanto que, por meio da personagem Maria, adquirem visibilidade outros atravessamentos constitutivos das desigualdades.

Ainda a respeito da função de dona de casa, Davis (2016, p. 12) afirma que “a dona de casa apenas parece estar cuidando das necessidades privadas de seu marido e de suas crianças, mas os reais beneficiários de seus serviços são o atual empregador de seu marido e os futuros empregadores de suas crianças”. Ou seja, a função de dona de casa, seja como uma possibilidade ou como uma imposição colocada às mulheres de classe média, serve aos objetivos do capitalismo, mas não era a realidade para todas as mulheres, principalmente no que tangia às mulheres negras e/ou às mulheres pobres. Ainda de acordo com Davis (2016, p. 8) a função de dona de casa representava uma realidade parcial, pois funcionava como “um símbolo da prosperidade econômica de que gozavam as classes médias emergentes”, mas isso valia apenas para as mulheres que eram, em sua maioria, brancas, cujas famílias dispunham de posses, enquanto as demais precisavam trabalhar muito para ganhar pouco.

No âmbito brasileiro, Lélia González é um importante nome no feminismo negro e na interseccionalidade: mulher negra, ela fundou, juntamente com outros militantes, o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCDR), que lutava contra as muitas formas de opressão,

inclusive contra o mito da democracia racial. Além do racismo, Lélia González aborda em suas obras a ideia de sexismo, pois segundo ela muitos companheiros de luta contra o racismo silenciavam as pautas das mulheres negras simplesmente por estas serem mulheres.

Ao encontro disso, González (1982) afirma que:

Ser negra e mulher no Brasil repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão. Enquanto ser homem é objeto da perseguição, repressão e violência policiais (para o *cidadão* negro brasileiro, desemprego é sinônimo de vadiagem; é assim que pensa e age a polícia brasileira), ela se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes média e alta da formação social brasileira (González, 1982, p. 97).

Nesse sentido, a personagem Maria representa, ficcionalmente, a posição de muitas mulheres negras que precisam trabalhar como empregadas domésticas em casas de classe média para sobreviver. Percebemos, então, que Ana e Maria estão posicionadas em pontos sociais opostos, pois embora as duas sejam mulheres, estão perpassadas por intersecções de raça e de classe diferentes.

Segundo Alves e Voss (2022), com o surgimento da burguesia no Brasil, o mercado de trabalho para as mulheres ficou dividido: enquanto as mulheres brancas de classe média inseriam-se como donas de casa, professoras ou enfermeiras, as mulheres pobres, muitas vezes negras, trabalhavam como domésticas, costureiras ou operárias. As autoras ainda afirmam que, em ambos os casos, as mulheres eram colocadas em funções subordinadas, geralmente a um homem.

De acordo com Beatriz Nascimento (1976), nome também muito importante no feminismo negro e na interseccionalidade, há diferenças raciais dentro do gênero, e as mulheres brancas e as mulheres negras estão posicionadas em lugares opostos justamente porque para que exista um padrão de mulher, isto é, a esposa dedicada, a mãe cuidadosa, a dona de casa desocupada, feminina e frágil, é necessário haver a sua antítese, que é a mulher negra.

Em outro trecho do conto *Amor*, o narrador reforça esse “vazio” da dona de casa da classe média: “Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na” (Lispector, 2019, p. 146-147). Nesse sentido, ainda segundo Nascimento (1976), a ideia do ócio é incentivada historicamente no ideal da mulher branca, desde o tempo colonial. E para a mulher branca ser ociosa, a mulher negra precisa, ao contrário, ser produtiva, como vemos na representação de Maria, que é empregada doméstica na casa de uma mulher rica.

Em outro ponto do conto *Amor*, o narrador informa que:

Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera [...]. Viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. [...] Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. *Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia*: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha – com persistência, continuidade, alegria [...]. *Uma vida de adulto. Assim ela o quisera e escolhera* (Lispector, 2016, p. 146, grifo nosso).

Sendo assim, podemos interpretar a colocação do narrador como uma crítica ao sistema patriarcal em que a personagem vivia, uma vez que Ana teve que abrir mão de sua felicidade para enquadrar-se no papel de dona de casa, assim como tantas outras mulheres que, como ela, também eram invisíveis: seus trabalhos, embora importantes, não eram reconhecidos como tal, ao mesmo tempo que desejavam mais do que cuidar do lar, dos filhos e do marido. Algo que chama a atenção no trecho é a ideia de desejo e de escolha: teria Ana realmente escolhido aquele caminho ou teria sido empurrada até ele?

As autoras Alves e Voss (2022) reiteram que, no Brasil:

A imagem da mulher como mãe devotada e abnegada à família implicou sua completa desvalorização profissional, política e intelectual. Mulher em si que não é nada, e que deve esquecer-se deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos êxitos dos filhos e do marido (Alves; Voss, 2022, p. 42).

Nesse sentido, as narrativas ficcionais constituem personagens que passam por opressões diferentes, pois enquanto Maria trabalha para dar o mínimo para seus filhos, Ana tem a função de cuidar de seus filhos em casa, sem precisar ou poder trabalhar formalmente. Nota-se que Ana, diferente de Maria, possui tempo para pensar em sua própria condição enquanto mulher, mas busca ignorar isso, pois “sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções” (Lispector, 2016, p. 146), ou seja, é preciso ter tempo para poder pensar sobre sua própria vida e questionar seu respectivo rumo. De acordo com bell hooks (2019), a mulher branca pelo menos teve a possibilidade de reivindicar sua própria libertação, enquanto a mulher negra, além de ser duplamente escravizada, teve que sofrer e lutar calada por muito tempo.

Em outro ponto do conto *Maria*, evidenciamos uma diferença substancial entre as duas mulheres: enquanto Ana é casada, Maria é mãe solteira, o que pode representar, através da narrativa, uma expressão do racismo genderizado, teorizado por Grada Kilomba (2019). Segundo a pesquisadora, não é possível separar os conceitos de raça e gênero, pois “as construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de raça e na experiência do racismo” (Kilomba, 2019, p. 94). Dito de outro modo, as construções de gênero e raça caminham lado a lado, entrelaçados, bem como a ideia de sexualidade. Ao passo que Ana possui um marido que provém a família

financeiramente para que ela possa cuidar de seus filhos, Maria tenta sustentar suas crianças sozinha: não pode contar com o pai de nenhum de seus filhos para dividir as despesas e os cuidados.

Vale lembrar que ainda vigoram representações estereotipadas e pejorativas na sociedade de que a mulher branca serve para o casamento, enquanto a mulher negra serve ao divertimento. Ao encontro disso, Kilomba (2019, p. 97) defende que “as mulheres negras habitam um espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da raça e do gênero, o chamado ‘terceiro espaço’”, daí a necessidade de falar-se sobre a solidão da mulher negra. Segundo Mizaél, Barrozo e Hunziker (2021, p. 217), a solidão das mulheres negras distingue-se da suposta solidão existente entre as mulheres brancas, já que, embora ambas sejam afetadas pelo machismo, as mulheres brancas não são atravessadas pelo racismo.

Em um dos trechos do conto *Maria*, somos apresentados à situação da personagem com seu ex-companheiro:

Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. [...] Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. [...] Maria viu, sem olhar, que era o pai de seu filho. [...] Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? (Evaristo, 2016, p. 42).

Também se descobre nessa parte do conto que Maria teve filhos com outros homens, mas continua mãe solteira. Ao encontro disso, González (1982) afirma que, nos âmbitos histórico, social e econômico, as mulheres negras não foram educadas para se casar, mas sim para trabalhar. Isso é representado criticamente no conto, em que Maria precisa trabalhar para sustentar seus filhos sozinha, sem a participação do pai, o que já não é vivenciado por Ana.

Um ponto interessante e similar nos dois contos é que tanto Ana quanto Maria carregam, durante a viagem, uma sacola. A de Ana, de tricô, se arrebenta quando ela vê na calçada um cego mascando chicletes, pois aquele ato repetitivo, inconsciente e sem importância remete a personagem à sua própria vida, à sua própria rotina com a casa e com os filhos.

O mal estava feito. Por quê? Teria esquecido de que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar hostil, perecível... O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam (Lispector, 2016, p. 148).

Assim como a sacola, a bolha burguesa de Ana também se rompe, e ela passa a enxergar – ou deixa de ignorar – os outros modos de vida que estavam à sua volta. Se por um lado podemos enxergar

a epifania de Ana como uma revelação da sua própria vida e rotina, também podemos perceber essa sua súbita compreensão das outras pessoas como um primeiro lampejo de consciência sobre seu próprio privilégio enquanto mulher, provavelmente branca, e de classe média. Em outro trecho, o narrador afirma que “quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada” (Lispector, 2016, p. 149). Segundo Hooks (2019), as mulheres brancas, de modo geral, mas principalmente aquelas que pensam e defendem a teoria feminista, possuem pouco entendimento sobre a supremacia branca e como esta funciona dentro de um sistema estatal que é sexista, racista e capitalista. Em outras palavras, a maioria das mulheres brancas não questiona seu próprio privilégio social, nem seu lugar dentro dessa estrutura e, por conta disso, muitas vezes pensa que a sua experiência enquanto mulher é igual a das demais.

Já a sacola de Maria rasga, fazendo rolar as frutas que seriam destinadas a seus filhos, quando as pessoas do ônibus decidem agredi-la, por suspeitarem que ela estava envolvida no assalto cometido por seu ex-companheiro no ônibus. Enquanto a sacola de Ana rompe-se em uma representação de “descortinar” as suas outras opções de vida ou de finalmente estar percebendo seu próprio lugar social, bem como seu privilégio, a sacola de Maria rompe-se em uma representação violenta de preconceito de gênero, de raça e de classe.

É muito significativo que nessa passagem do conto a raça de Maria seja bastante frisada na fala de alguns passageiros, que a acusam: “Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. [...] Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! [...]” (Evaristo, 2016, p. 44). Pode-se perceber, pelo diálogo, que Maria é acusada de puta por ter conversado com o homem no ônibus, assim como também é chamada de ‘negra’ como se fosse um xingamento ou algo pejorativo. É interessante notar que todas aquelas pessoas do ônibus, provavelmente, compartilhavam uma situação financeira semelhante, uma vez que eram em sua maioria trabalhadores em uma condução, mas mesmo assim, por conta de Maria ser negra e ser mulher, ela é agredida verbal e fisicamente, já que é linchada pelos passageiros até a morte.

Enquanto no fim do conto *Maria*, a personagem é morta violentamente em seu trajeto de volta para a casa, no conto *Amor*, a personagem Ana tem um final muito menos trágico: já em sua casa, após ter jantado com as visitas e ter colocado os filhos para dormir, seu marido a puxa de volta para sua vida banal, para os problemas da classe média a qual pertence: “É hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, *afastando-a do perigo de viver. Acabara-se a vertigem da bondade*” (Lispector, 2016, p. 155, grifo nosso).

Nota-se, então, que a compreensão de seu privilégio enquanto mulher, provavelmente branca, de classe média, não dura muito. Logo, ela volta para sua rotina e para seus próprios dilemas, ignorando o mundo à sua volta. De acordo com Hooks (2019), a ideia de que todas as mulheres são oprimidas parte do princípio de que todas não podem mudar seu destino, isto é, não possuem opções, o que não pode

ser percebido como uma verdade universal. Para a autora, é preciso diferenciar opressão de discriminação, pois embora não haja uma hierarquia de opressões no âmbito da interseccionalidade, é bastante evidente que fatores como raça e classe transformam as vivências das mulheres negras e pobres (Hooks, 2019). Por fim, muitas mulheres, a partir de seus privilégios de raça e classe, talvez possam escolher ignorar as outras possibilidades de mudança que lhes são apresentadas. Será este o caso de Ana?

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar, de forma interseccional, as representações de gênero, raça e classe contidas nos contos *Maria*, de Conceição Evaristo, e *Amor*, de Clarice Lispector, a fim de que pudessem ser evidenciadas como as personagens corporificam as diferenças que perpassam os sujeitos a partir de suas distintas posições sociais.

A personagem Ana, por exemplo, é uma mulher, possivelmente branca, de classe média, que traz como pautas a mulher enquanto dona de casa, cuidadora dos filhos, do lar e do marido, pois vê sua vida como um vazio repetitivo, embora se preocupe com a criação dos filhos. Já Maria é uma mulher negra, pobre e empregada doméstica que precisa trabalhar muito para garantir a sobrevivência, isto é, o básico para seus filhos, e o faz sozinha, pois é uma mãe solteira. Por meio do conto, podemos vislumbrar outras problemáticas, como a solidão da mulher negra, a violência contra mulheres negras e pobres, a precariedade do transporte público, etc.

Essas diferenças de representações, essas vidas tão distintas das personagens, mostram que a categoria gênero por si só não dá conta de elucidar as constituições dos sujeitos, uma vez que outros fatores perpassam e transformam a identidade destes, colocando-os em pontos diferentes a partir de suas vivências e experiências. Ou seja, embora Ana e Maria sejam mulheres, elas são atravessadas por distintas experiências, pois Ana enquanto mulher provavelmente branca, de classe média e dona de casa passa por experiências que partem de um outro lugar que não é o mesmo lugar de Maria.

Por fim, é interessante refletir sobre o que Hooks (2019) coloca sobre opressão e discriminação, uma vez que, embora não haja uma hierarquia de opressões, é evidente que fatores como raça e classe transformam as vivências das mulheres negras e pobres de uma maneira totalmente diferente de como atravessam as experiências das mulheres brancas e de classe média.

#### REFERÊNCIAS

ALVES, Eliada Mayara Cardoso da Silva; VOSS, Dulce Mari da Silva. Mulheres em mirada decolonial: um quase tudo. In: VOSS, Dulce Mari da Silva. *Mulheres escrevendo e pensando com mulheres: filosofias, infâncias e educação*. Rio de Janeiro: NEFI, 2022.

ANECLETO, Úrsula Cunha; VIEIRA, Rosane. Prefácio. In: SILVA, Ana Lúcia Gomes da; SILVA, Jerônimo Jorge Cavalcante Silva; RODRIGUEZ, Victor Manuel Amar. *Interseccionalidades em Pauta: gênero, raça, sexualidades e classe social*. Salvador: EDUFBA, 2020.

BATISTA, Angélica Maria Santana. *Mundos possíveis, porém ignorados: a composição de personagens femininas em narrativas de Conceição Evaristo*. 2019. 162 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/5979>. Acesso em: 20 maio 2023.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 12 maio 2023.

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'Água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

EVARISTO, Conceição. Questão de pele para além da pele. In: RUFFATO, Luiz (org.). *Questões de pele: contos sobre preconceito racial*. Rio de Janeiro: 2009.

GONZÁLEZ, Lélia. *A mulher negra na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GONZÁLEZ, Lélia. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco zero, 1982.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

HOOKS, bell. *E eu não sou uma mulher?* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KILOMBA. Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LISPECTOR, Clarice. *Todos os Contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de; ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Moraes de. Indisciplinando o cânone: pensamento afrodiaspórico e a colonialidade no campo historiográfico e literário. In: MIRANDA, Fernanda Rodrigues de; ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Moraes de (org.). *Pensamento afrodiaspórico em perspectiva: abordagens no campo da História e da Literatura*. Porto Alegre: Fi, 2021.

MIZAEL, Táhcita Medrado; BARROZO, Sarah Carolinne Vasconcelos; HUNZIKER, Maria Helena Leite. Solidão da mulher negra: uma revisão da literatura. *Revista da ABPN*, Curitiba, v. 13, n. 38, p. 212-239, 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1270>. Acesso em: 20 maio 2023.

NASCIMENTO, Beatriz. *A mulher negra no mercado de trabalho*. Rio de Janeiro: Jornal Última Hora, 1976. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-no-mercado-de-trabalho-por-beatriz-nascimento/>. Acesso em: 23 maio 2023.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RUFFATO, Luiz. À Flor da Pele. In: RUFFATO, Luiz (org.). *Questões de pele: contos sobre preconceito racial*. Rio de Janeiro: 2009.

**Title**

Are all women the same? Representations and intersectionalities in the tales *Maria*, from Conceição Evaristo and *Amor*, from Clarice Lispector.

**Abstract**

This paper aims to analyze the representations of gender, race and class included in the tales *Maria*, from Conceição Evaristo (1991) and *Amor*, from Clarice Lispector (1960), in an intersectional way. Both tales were written in contemporary times, but bring out different representations, once the characters Maria and Ana, respectively, are positioned as individuals in different locations and, as a consequence, go through different factors. In the methodological field, a cultural analysis is done, while in the theoretical field, authors such as Bell Hooks (2019); Grada Kilomba (2019); Lélia González (1982) among others, are used. Preliminary is possible to see that, though both characters are women, they are not represented in the same way, since that while Ana is a middle-class housewife that can take care of her children full time, Maria is a housekeeper that works excessively to support hers, what causes different concerns pass through each of them.

**Keywords**

Cultural Studies; Intersectionalities; Brazilian Literature.

---

Recebido em: 12/07/2023

Aceito em: 15/08/2023